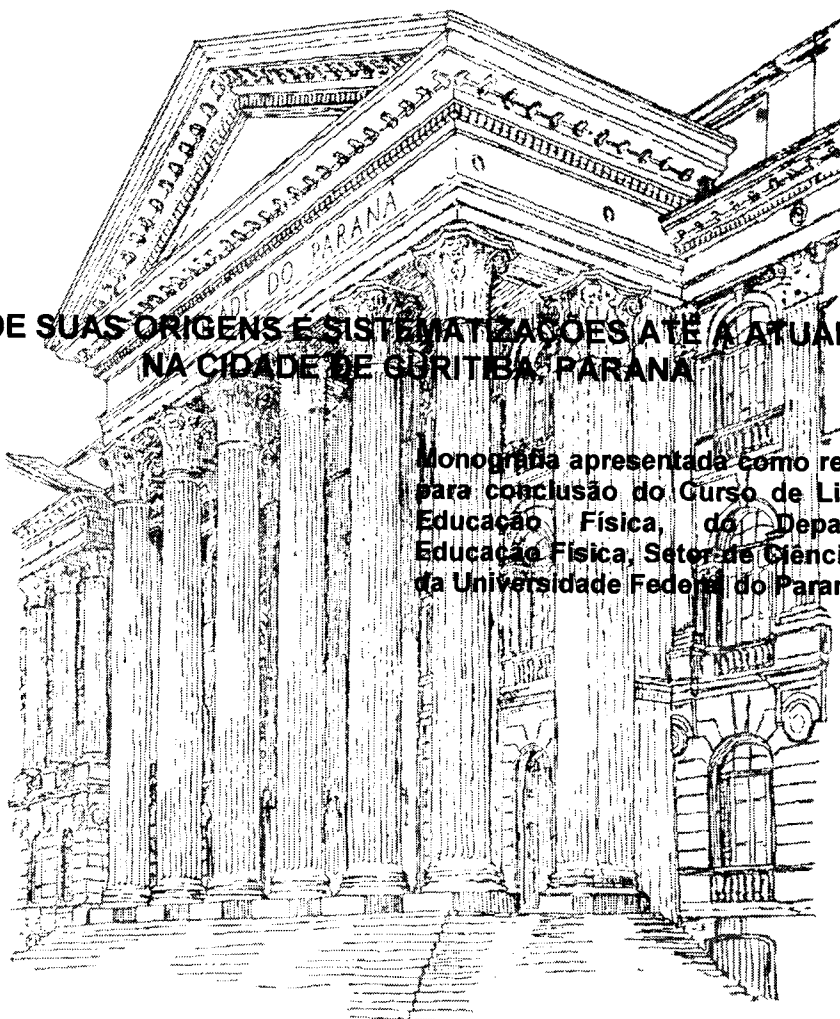


ANDRÉA CRISTINA MACHADO

**KENPO – DE SUAS ORIGENS E SISTEMATIZAÇÕES ATÉ A ATUAL PRÁTICA
NA CIDADE DE CURITIBA, PARANÁ**

Monografia apresentada como requisito parcial
para conclusão do Curso de Licenciatura em
Educação Física, do Departamento de
Educação Física, Setor de Ciências Biológicas,
da Universidade Federal do Paraná.



CURITIBA

2008

ANDRÉA CRISTINA MACHADO

**KENPO – DE SUAS ORIGENS E SISTEMATIZAÇÕES ATÉ A ATUAL PRÁTICA
NA CIDADE DE CURITIBA, PARANÁ**

**Monografia apresentada como requisito parcial
para conclusão do Curso de Licenciatura em
Educação Física, do Departamento de
Educação Física, Setor de Ciências Biológicas,
da Universidade Federal do Paraná.**

VIDAL PALACIOS CALDERÓN

DEDICATÓRIA

Aos meus queridos pais, Eloisa e Celso Machado,
ao meu querido marido Eduardo Correia de Almeida,
ofereço este trabalho realizado com tanto esforço e dedicação -
minha e de todos vocês

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, pela oportunidade de ter cursado esta faculdade e pela energia para seguir até o fim desta empreitada.

Aos meus pais por todo o apoio e suporte durante estes longos anos.

Ao meu marido, Eduardo, por ser meu mestre e meu escopo, em todos os momentos. Pelas lições de vida que me proporcionou, que jamais esquecerei e pelo amor incondicional, obrigado.

Aos meus avós, Clarinda e os que já faleceram (Paulo, Casemiro e Maria), por todo suporte material e emocional e pelas lembranças maravilhosas.

A todos os amigos, que me deram conforto nas horas difíceis.

Aos meus colegas de curso, que sempre me deram as mãos nos momentos oportunos.

A todos os professores que me deram alimento para a alma, me respeitaram como pessoa e participaram ativamente da minha vida acadêmica.

Ao querido professor Vidal, um belo exemplo de vida e de profissionalismo.

Enfim, a todos aqueles que acreditaram na minha capacidade e também àqueles que não acreditaram, pois de uma maneira ou de outra me deram forças para seguir em frente.

BUSHIDO

Ao caminhar, escolha seu caminho.

Saiba que o próximo passo representa a origem do passo seguinte.

Pratique sua Arte com a certeza de esquecer-se de si mesmo, pois o mérito não está
no fim, mas sim no Caminho.

Acima de tudo, lembre-se de que a vida é feita de escolhas e que a arte marcial é
um caminho para o aprimoramento pessoal e espiritual.

Autor desconhecido

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	vi
RESUMO	vii
INTRODUÇÃO	viii
PROBLEMA	xi
JUSTIFICATIVA	xi
OBJETIVOS	xii
METODOLOGIA	xii
1 HISTÓRICO DO KENPO	1
1.1 ORIGENS INDIANAS	1
1.2 O KENPO NA CHINA	2
1.3 O ÊXODO PARA O JAPÃO	5
1.3.1 O RyuKyu Kempo no Japão	6
1.3.2 O Shorinji Kempo no Japão	7
1.4 O KENPO NA AMÉRICA	7
1.4.1 O American Kenpo Karate	9
1.4.2 O RyuKyu Kempo na América	10
1.5 O KENPO EM CURITIBA	11
2 O QUE É KENPO	13
2.1 KEMPO OU KENPO?	14
2.2 CARACTERÍSTICAS DO KENPO	14
2.2.1 Diferenciais do Kenpo	14
2.2.2 Treinamento no Kenpo	15
2.2.3 A Saudação do Kenpo	17
2.3 AMERICAN E RYUKYU KEMPO COMO PRATICADOS EM CURITIBA	18
2.3.1 American Kenpo	19
2.3.2 RyuKyu Kempo Jujutsu	22
3 CONCLUSÃO	28
GLOSSÁRIO	30
REFERÊNCIAS	31
ANEXOS	32

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – REQUISITOS TÉCNICOS AMERICAN KENPO.....	20
TABELA 2 – REQUISITOS TÉCNICOS RYUKYU KEMPO	23

RESUMO

KENPO – DE SUAS ORIGENS E SISTEMATIZAÇÕES ATÉ A ATUAL PRÁTICA NA CIDADE DE CURITIBA, PARANÁ

Este trabalho de revisão bibliográfica trata das origens históricas, sistematizações e desenvolvimento do Kenpo até os dias atuais, como praticado na cidade de Curitiba, Paraná, baseado em obras da língua inglesa e de relatos dos professores que hoje representam esta arte na cidade. Apresenta também as semelhanças e diferenças técnicas e conceituais entre os dois estilos de Kenpo aqui praticados: o American Kenpo e o RyuKyu Kempo. O conteúdo foi assim organizado objetivando condensar informações relevantes sobre o Kenpo em língua portuguesa, para futura referência aos praticantes e aos estudiosos das artes marciais.

Palavras chaves: artes marciais, American Kenpo, RyuKyu Kempo.

INTRODUÇÃO

Desde que o homem pode ser assim chamado como tal, ou seja, desde que conhecido como *homo sapiens*, a necessidade de saber defender-se como meio de sobrevivência passou a constituir um imperativo ao indivíduo que vivia em um ambiente completamente inóspito, que constituía o assim chamado mundo antigo.

Neste cenário de ameaças representadas pelas feras da natureza, e em igual ou maior proporção por nossos próprios semelhantes, a habilidade de lutar com maestria definia o valor de um ser humano frente ao grupo. Líderes tribais eram necessariamente também hábeis lutadores, porque ascendiam a esta condição somente depois de provar sua perícia técnica, sobrevivendo a inúmeras contendas individuais e coletivas. (SO, 1974, p.03)

Por estas razões, em praticamente todas as culturas, a ciência marcial começou a se formar na busca do uso mais eficiente e racional das armas disponíveis, incluindo entre elas o próprio corpo humano. É bem verdade que algumas culturas foram mais hábeis que outras na criação destes sistemas de luta, algo que lhes rentabilizou prestígio e poder ao longo da história. Desta forma, quando se identifica a habilidade de lutar de um povo ou indivíduo como ciência marcial ou arte marcial, estamos atribuindo a ela três importantes características (MCCARTHY et UCHINADI, 1999, p.07):

A) Ciência – a premissa básica da ciência está exatamente na busca contínua da maior eficácia nos processos, bem como a replicabilidade - capacidade de reproduzir resultados. Por esta razão, só podem ser consideradas ciências marciais, as formas de luta que foram sistematizadas para permitir treinar várias pessoas e para que suas técnicas atingissem o mesmo objetivo, que neste caso se materializava sob a forma da morte ou submissão dos adversários.

b) Arte – toda arte é caracterizada pela habilidade de expressar um dom ou, uma aptidão de forma artística, ou seja, com plasticidade. No caso da arte de lutar, esta habilidade refere-se à capacidade de sobrepujar adversários com extrema superioridade técnica (maestria).

c) Marcial – a palavra, que é claramente fruto da cultura grego-romana, faz uma alusão indistinta à origem divina da habilidade de lutar (referência ao Deus Marte, o deus da guerra do panteão romano). Assim, nas mais diferentes culturas atribui-se a origem da luta aos Deuses, que, por meio de seu contato com os mortais, transmitiram-lhes seus segredos e técnicas. Este conceito materializa-se quando se observa que nas culturas tradicionais (principalmente as orientais), os Deuses eram também apontados como grandes guerreiros. Desta forma, parece bastante óbvio que para os valores daqueles tempos, um guerreiro com capacidade de luta singular fosse mais do que humano ou alguém agraciado pelos Deuses.

O termo marcial ainda alude aos domínios de Marte, deus romano da guerra. Sob esta ótica, a arte marcial também é relacionada à guerra, caracterizando uma ferramenta de defesa pátria. A história aponta que, ainda que no ocidente os gregos também tenham sido hábeis na formação de uma arte marcial, o *Pankration*, a ciência sistematizada da luta é uma característica marcante da civilização oriental (MCCARTHY et UCHINADI, 1999, p.07)

.Talvez devido ao seu espírito crítico e organizador, analítico e integrado com as forças da natureza, a China foi, sem dúvida, o grande berço e local onde as artes marciais tomaram sua forma, espalhando-se para os demais países asiáticos e depois para o mundo. (MCCARTHY et UCHINADI, 1999, p.08)

Sendo a China um país de história turbulenta, onde as revoluções eram contínuas e as lutas se caracterizavam facilmente pela matança de milhões de pessoas, é de se admirar que se atribua historicamente a origem da arte de lutar da civilização chinesa não a generais e guerreiros, mas aos “pacatos” monges budistas do templo de Shaolin, no Norte da China. (MCCARTHY et UCHINADI, 1999, p.08) Isso gera uma reflexão: por que monges budistas, pacifistas por definição, se preocupariam em desenvolver uma arte de lutar de características mortais?

A resposta a este dilema introduz outro ponto fundamental que caracteriza a adoção da prática de uma arte marcial como estilo de vida: a arte de lutar é um caminho inequívoco para o autoconhecimento. Para os seus fundadores, é este ponto que transforma a arte marcial em algo maior, que vai além da simples defesa pessoal. É exatamente por esta razão que a partícula Dô - que em sua língua pátria, o japonês, significa caminho espiritual ou senda - está presente nos nomes de boa

parte das artes marciais modernas, como o Aikido, Kendo, Karatê-do, Judo. (SO, 1974, p. 04)

Espera-se de um artista marcial uma conduta ilibada, ética e que usa a arte da luta para defender a ordem e proteger os mais fracos. Lutar significa superar as próprias limitações, aprendendo a desenvolver segurança e estabilidade, que permitirão ao praticante superar as dificuldades inerentes à vida. Porém, apesar de toda a filosofia e técnica que norteava as artes marciais originalmente, o advento da arma de fogo tornou-se, nos campos de batalha e nas contendias individuais, uma supremacia difícil de ser superada. Assim, no século passado, muitos de seus mestres voltaram às origens, buscando recodificar e redefinir o valor da arte marcial no mundo moderno. (MCCARTHY et UCHINADI, 1999, p.10)

“Neste novo cenário a arte marcial passou a ser entendida como metodologia pedagógica complementar ao estudo tradicional, sobretudo devido à influência de importantes mestres como Gigorokano (Judô), Ueshiba (aikido) e Funakoshi (karatê). Mas, em muitos casos, esta mudança de paradigma levou também a criação do conceito de “esporte marcial”, uma perigosa deterioração de seu sentido original, que leva seus praticantes a busca única e exclusiva das características competitivas de suas artes, na conquista de medalhas e títulos, afastando-os gradativamente de seus aspectos filosóficos e da luta realista, algo que facilmente é verificado em boa parte das academias modernas onde hoje são praticadas. O que se observa é que, no seu conceito original, a arte marcial deveria primar por desenvolver em seus praticantes o “kokoro”, palavra japonesa que significa coração, mas também galhardia, ética e dignidade. O lutador deveria ser a representação máxima do espírito que construiu a nação japonesa, intitulado Bushido: o caminho do samurai”. (ALMEIDA, 2007)

Segundo FUNAKOSHI (2005, p. 33), “o bom lutador não se aperfeiçoa para lutar, mas luta para se aperfeiçoar”, traduzindo uma visão que transforma o ato de lutar em uma prática que conduz ao desenvolvimento do indivíduo.

Com base neste princípio, esta pesquisa trata do Kenpo, antiga arte de luta de origem sino-japonesa, como quintessência da preservação desta cultura tradicional, que caracteriza a arte da lutar algo mais que uma simples ciência de ferir ou um esporte competitivo. Enfatiza esta arte marcial como um caminho para o desenvolvimento pleno do ser humano, apresentando sua história, desenvolvimento em diferentes culturas, os seus vários estilos e como se desenvolve sua prática na cidade de Curitiba, Paraná.

PROBLEMA

Com uma história em território brasileiro muito recente, o Kenpo ainda é muito pouco conhecido, divulgado e estudado no país. Estes fatores contribuem para a falta de publicações e até mesmo informações digitais na língua portuguesa.

O pouco material disponível no Brasil apresenta-se na língua inglesa e pertence a alguns poucos mestres e praticantes do Kenpo, restringindo o acesso de mais pessoas aos conhecimentos inerentes a esta arte marcial.

Desta maneira, torna-se difícil a sua divulgação, seu estudo e seu reconhecimento público. Tendo em vista a grande quantidade de obras disponíveis sobre outras artes marciais, como o Judô, o Karatê e o Jiu-Jitsu, é compreensível a desconfiança do público frente a uma arte marcial desconhecida, sobre a qual não há nenhuma referência disponível na língua portuguesa.

JUSTIFICATIVA

Através do estreito contato com a prática do Kenpo e com os mestres (*senseis*) curitibanos, foi possível ter acesso a publicações estrangeiras e alguns livros raros (traduzidos para o inglês) que tratam do histórico e do desenvolvimento desta arte marcial tão pouco conhecida no Brasil, bem como a palestras e cursos destes *senseis*, que auxiliaram e apoiaram a confecção deste trabalho.

No intuito de trazer à luz as origens e o desenvolvimento do Kenpo aos demais praticantes de Curitiba, foi realizada um extenso estudo bibliográfico, que também estará disponível como fonte de pesquisa para os estudantes de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, colaborando assim para a divulgação e popularização do Kenpo em território paranaense, já que os estes estudantes são potenciais transmissores destes conhecimentos em seus locais de trabalho: escolas, academias, associações, universidades, etc.

OBJETIVOS

Geral

- Apresentar, sob forma de pesquisa bibliográfica, a fundamentação histórica e conceitual do Kenpo em língua portuguesa, ainda inédita em Curitiba.

Específicos

- Levantar o histórico do Kenpo e seu desenvolvimento até os dias de hoje;
- Caracterizar o Kenpo, como é praticado na cidade de Curitiba, Paraná;
- Diferenciar os principais estilos atuais de Kenpo;
- Disponibilizar material impresso em português sobre o Kenpo como referência para a futura apostila a ser confeccionada como material de suporte para os praticantes de Kenpo em Curitiba, pelo *Shidoshi* Eduardo Almeida;

METODOLOGIA

O presente trabalho apóia-se numa extensa pesquisa bibliográfica, pela possibilidade que esta apresenta de cobrir uma ampla gama de fenômenos e pela quantidade de material disponível a que se tem acesso. O trabalho iniciou-se a partir de uma questão geral (O Kenpo) para uma questão específica (a prática na cidade de Curitiba, PR), utilizando o tratamento analítico da contribuição de diversos autores com ênfase nas áreas de Artes Marciais e história das Artes Marciais. Nesta revisão foram utilizadas principalmente publicações na língua inglesa, devido ao reduzido número de material disponível em português, sob forma de livros, periódicos e artigos. Tratados à luz da fenomenologia - método de pensamento este que estuda as estruturas da existência humana, e que para tanto recorre à realidade vivida e a descreve como vivência cotidiana não percebida - e procurando respeitar a complexidade do real e encontrar sentido e significação dentro do próprio fenômeno tal e qual ele se apresenta, sem tentar explicá-lo ou analisá-lo. Utiliza como recurso a redução, que permite visualizar o sujeito como fenômeno ele próprio, que se revela através de significações. (OKUMA, 1998, p.24)

A investigação qualitativa utilizada no presente estudo possui algumas características determinantes: a importância do investigador, cuja função é definir e interpretar os dados da pesquisa, sendo assim considerado instrumento principal no trabalho. Outra seria o caráter descritivo, traduzindo os dados em imagens e palavras; e não apenas números. (OKUMA, 1998, p.36)

Assim sendo, caracteriza-se a presente pesquisa bibliográfica como de caráter qualitativo e utiliza-se da revisão de literatura como principal instrumento.

1 HISTÓRICO DO KENPO

A origem e a história do Kenpo são tão antigas quanto obscuras. Vários autores, como descrito a seguir, compartilham a hipótese de que esta arte marcial teve como ponto de partida uma arte muito primitiva praticada na Índia há 5.000 anos. No entanto, dada a sua pretensa antiguidade, é impossível definir com certeza uma data ou um local específico de sua origem – tanto que outros autores de história das artes marciais, entre eles Al Tracy, recusam-se a aceitar esta interpretação histórica, julgando-a mítica e sem respaldo científico ou histórico.

1.1 ORIGENS INDIANAS

Segundo Doshin So (1974) - fundador de uma das atuais vertentes do Kenpo, o Shorinji Kempo - a antiga arte marcial Kenpo tornou-se amplamente conhecida apenas recentemente, apesar de seus traços originais datarem da Índia antiga. Este alega provas da prática de artes de defesa pessoal sem armas “como é evidenciado pelas pinturas existentes nas paredes e outras referências deste período”¹.

Quando da fundação do Budismo, o kempo indiano já havia se organizado e se tornado uma arte marcial sistematizada. (SO, 1974, p. 13) Também citado por Marcos Natali (1987), Doshin So sugere que o próprio Buda impressionou-se tanto com o Kenpo como um método eficiente de unir a mente e o corpo, que o incorporou ao próprio budismo. Apesar da aparente incoerência entre arte marcial e budismo, os ensinamentos de Buda enfatizavam a importância da força tanto quanto do amor na manutenção de um mundo ideal e da proteção dos ensinamentos budistas em si, e segundo o autor “isto é comprovado pelo fato que as imagens de certos deuses do panteão budista – as duas Deidades Guardiãs, os Devas, e os Doze Gerais Divinos – serem representados em posições do Kempo” (SO, apud NATALI, 1987, p. 36). O próprio autor brasileiro Marcos Natali, que transcreveu o comentário de Doshin So supracitado em seu livro VAJRAMUSHTI – A Arte Marcial dos Monges

¹ Tradução livre da passagem: “*In India, a very early form of Kempo, as well as other weaponless self-defense methods, existed nearly five thousand years ago as is evidenced by extant wall painting and other remains of that period.*” (SO, 1974, p. 13)

Budistas, defende que o kempo indiano mencionado neste texto refere-se, na verdade, ao Vajramushti:

“O VAJRAMUSHTI é, provavelmente, a mais antiga arte marcial que o mundo conhece, tendo se originado na Índia, antes mesmo que fossem escritos os Vedas. Sua origem lendária atribui-se a Shiva, (...), pertencendo à cultura dravidiana, foi legada ao esquecimento após a invasão dos Árias, sendo preservada apenas pela casta guerreira dos Kshatriya, e mais tarde pelos monges nômades do budismo.” (NATALI, 1987, p. 32)

Infelizmente, não se pode determinar historicamente as origens do VAJRAMUSHTI (e, conseqüentemente, do Kenpo), pois segundo o autor, “sabemos que na Índia esta arte não mais existe”. (NATALI, 1987, p. 32) Supõe-se, então, que as origens do Kenpo são muito mais remotas do que a pesquisa histórica a que se tem acesso poderia elucidar.

1.2 O KENPO NA CHINA

Apesar da origem histórica do Kenpo ser bastante vaga, vários autores são unânimes ao apontarem Bodhidharma² como responsável por levar o Budismo Zen e o Kenpo da Índia para a China. Segundo DOSHIN SO (1974), apesar de o Budismo ter sido transmitido para a China provavelmente no final da Dinastia Han 25 a 220 d.C., o Kenpo só adentrou o país muitos anos depois. Bodidharma e o Zen Budismo só apareceriam na China no início do século VI da era cristã. (SO, 1974, p. 13)

STEWART (1994), em seu artigo “*The History of Kenpo*”, não só concorda que esta arte marcial foi transmitida aos monges shaolin chineses por Bodidharma, como também afirma que antigos manuscritos (segundo ele encontrados incompletos) denominam esta arte como Go-Shinjutsu (uma combinação da concentração mental da meditação Zen com as artes de defesa pessoal sem armas). O Go-Shinjutsu teria estabelecido os fundamentos para o desenvolvimento do Kung Fu Chinês, mais tarde conhecido como Kenpo. (STEWART, 1994, p. 01)

² BODHIDHARMA – conhecido também como Ta Mo (chinês), Daruma Taishi (japonês), foi o vigésimo oitavo patriarca do Budismo, a quem se atribui a criação e o desenvolvimento do Budismo C’han (chinês) ou Zen (japonês) na China. (NATALI, 1987, p. 32)

Acredita-se que Bodidharma viajou por muitos países levando consigo os ensinamentos do budismo através do Nepal, do Tibete e da China. Na China, foi a convite do imperador Liang Wu Ti, conhecido como um dos grandes patronos do Budismo neste país. Porém, a vertente do Budismo seguida por Wu Ti (formal e salvacionista) era oposta à de Bodidharma (intuitivo e baseado na meditação), que por esta razão procurou outros locais onde o Budismo era disseminado e terminou por hospedar-se no templo Shaolin – ou Shorinji, na língua japonesa - (estabelecido inicialmente em Sung Chan, na província de Honan), onde após longos anos de meditação criou uma nova concepção do Budismo, que passou a ser conhecido com C'han (em chinês) ou Zen (em japonês) (VELTE, 1976, p. 143). Neste período ele observou que:

“ (...) as longas meditações exigidas na prática do C'han estavam muito além das capacidades físicas dos monges daquele templo e então se viu obrigado a ensinar-lhes os rudimentos do VAJRAMUSHTI (Kenpo), para que pudessem fortalecer o corpo, tornando-os aptos à meditação. Ao VAJRAMUSHTI Bodidharma acrescentou técnicas pertencentes aos antigos estilos do Kung Fu chinês, dando origem a uma luta de excepcional habilidade, que ficou conhecida através dos tempos como Kung Fu Shaolin.” (VELTE, 1976, p. 25)

Inicialmente, o Kenpo (ou VAJRAMUSHTI) ensinado no templo Shaolin era mantido em segredo, transmitido a alguns poucos monges iniciados, pois era considerado inseparável da prática da meditação C'han (e por este motivo, não poderia ser ensinado ao público leigo). Além disso, ele era considerado extraordinariamente eficiente – o que podia tornar-se perigoso se estivesse à disposição de pessoas menos esclarecidas, que não conhecessem o seu verdadeiro significado³. O Kenpo não foi inventado pelos monges como um meio de proteger o templo, como se acredita no imaginário popular. Porém o monastério de Shaolin acabou ficando conhecido mais como uma escola de artes marciais do que um templo Zen. No entanto, houve um dado período de intensa perseguição política, em que o templo foi incendiado por diversas vezes, obrigando os monges a se dispersar. A partir de então, estes se sentiram impelidos a ensinar o Kenpo para as massa oprimidas, no intuito de ajudá-los a defender-se tanto dos bandidos, quanto dos oficiais corruptos do governo. (VELTE, 1976, p. 143)

³ Era uma prática ascética, que visava o esclarecimento e a vivência dos preceitos budistas relativos à unidade da mente e do corpo. (VELTE, 1976, p. 143). Em outras palavras, não tinha por objetivo a violência.

Numa época em que eram proibidos quaisquer tipos de arma, o Kenpo mesclado com uma forma antiga de Kung Fu (luta sem armas) sob o nome de Kung Fu Shaolin, serviu às massas como um meio alternativo de autodefesa. (SO, 1974, p. 14) Mais tarde, o Kung Fu Shaolin (nome em chinês) seria conhecido no Japão sob a denominação Shorinji Kempo (em japonês)⁴.

No entanto, com a saída dos templos, o Kenpo gradualmente foi perdendo os elementos de ligação com o Zen Budismo e, neste novo formato difundiu-se pela China, criando raízes em várias localidades diferentes e assumindo outras denominações. Aparentemente, o Kenpo desapareceu no lugar onde havia sido introduzido (Shaolin) para sobreviver em meio ao povo. Entre o final da Dinastia Sung (947-1279) até a Dinastia Ch'ing (1662-1912) o Kenpo viveu a sua idade áurea, tornando-se praticamente uma técnica de combate nacional chinesa – alguns registros do período Sung listam muitos mestres em Kenpo. (SO, 1974, p. 14)

Tantos eram os praticantes, até mesmo entre os rebeldes que lutavam contra a Dinastia Yüan (1279 – 1368) (domínio mongol), que seu imperador aplicou uma nova política para banir a sua prática. No entanto, o Kenpo continuou sendo o núcleo da resistência popular até a Dinastia Ch'ing (também conhecida como Manchu), que terminou no início do século XX. Esta derradeira dinastia imperial chinesa, assim como suas predecessoras impuseram editais contra a prática do Kenpo – que apesar de toda a repressão governamental nunca perdeu sua força vital, continuando a ser praticada por inúmeras sociedades secretas, que serviram de alento ao povo, especialmente no período de declínio do poder das dinastias. (SO, 1974, p. 15)

Embora as rebeliões lideradas pelas sociedades secretas inicialmente fossem direcionadas contra o poderio das dinastias, a memorável Revolta dos Boxers, na China do Século XIX iniciou uma nova etapa da história – desta vez contra o poderio estrangeiro. Neste período, nações estrangeiras tomaram controle da China e obrigavam a população a fazer concessões humilhantes. Áustria, França, Alemanha, Grã Bretanha, Itália, Japão e Rússia clamavam por exclusividade no comércio chinês. Eles acabaram por dividir a nação em “esferas de influência. com direitos

⁴ Shaolin = Shorinji; Kung Fu = Kempo

comerciais exclusivistas. Então, várias sociedades se uniram para formar “Os Punhos da Justiça e Harmonia” no Norte da China que começaram uma oposição sangrenta contra os cristãos e estrangeiros, chamada pelos mesmos de “boxers”⁵ por utilizarem artes marciais sem armas durante seus ataques. Esta sociedade tinha como objetivo expulsar todos os estrangeiros e suas influências (culturais, políticas e econômicas). Porém, sem o suporte imperial, a Rebelião dos Boxers falhou, e com ela a eliminação total da influência do Kenpo sobre a maior parte do território chinês. Porém, foi a partir deste acontecimento que foram firmados novos acordos internacionais que visavam proteger a integridade cultural da China. Assim mesmo, o governo tomou medidas drásticas para abolir a prática desta arte marcial em 1900, fechando todos os centros de prática e executando seus líderes (SO, 1974, p. 15).

1.3 O ÊXODO PARA O JAPÃO

Embora muitos refugiados chineses que foram para o Japão provavelmente tenham levado consigo vários estilos de Kenpo, que lá criaram suas raízes e fundiram-se com as artes marciais japonesas dando origem a várias artes conhecidas atualmente, acredita-se que o Shorinji Kenpo puro, original (ou Shaolin Kung Fu) não foi preservado. Segundo registros escritos japoneses, o Kenpo foi primeiramente introduzido no Japão por Kosokun, há duzentos anos, porém não se desenvolveu e teve pouco apelo entre os locais. Há também referências da crença popular de que o Kenpo chinês influenciou a ascensão do conhecido Jiu Jitsu japonês. (STEWART, 1994, p.1)

Acredita-se que por suas localizações geográficas, Índia, China, Formosa, Coréia, Okinawa, Japão e áreas vizinhas deviam ter uma abundante troca cultural já nos tempos remotos. Da China, o Kenpo espalhou-se por todas estas áreas adquirindo aspectos locais. Nos diversos locais onde foi introduzido, o Kenpo foi modificando-se e adaptando-se aos costumes e culturas locais, e o nome da arte marcial praticada naqueles locais variava de cidade para cidade, com o objetivo de diferenciar seu estilo individual dos demais. Geralmente, utilizava-se o próprio nome da cidade antes do nome da arte que era lá praticada. (STEWART, 1994, p.1)

⁵ Em referência à palavra inglesa *boxer* (lutador, pugilista). (Dicionário inglês – português Michaelis)

A seguir, é apresentado um pequeno histórico dos estilos de Kenpo que se desenvolveram no Japão e que mais tarde tornaram-se conhecidos na América.

1.3.1 O Ryukyu Kempo no Japão

Este é o caso do Ryukyu Kempo, um dos estilos de Kempo abordados neste trabalho. Embora este estilo tenha, de fato, muita influência chinesa, sua verdadeira origem permanece envolvida nos mistérios da história de Okinawa⁶ e seu folclore. (UYENISHI, 1921, p. 11)

Ainda segundo UYENISHI, o desenvolvimento do Ryukyu Kempo parece ter sido influenciado pela antiga imigração de membros de clãs japoneses derrotados em batalhas para a ilha de Okinawa (primeiramente em 1185 e novamente em 1333), assim como as diversas interações culturais sino-japonesas que aconteceram entre os séculos XIII e XIX. Diz-se que as técnicas desta arte desenvolveram-se secretamente, somente ensinadas para a nobreza local, majoritariamente composta pela classe dos guerreiros e seus familiares. (UYENISHI, 1921, p. 11)

A esta classe pertencia à linhagem da família de Taika Oyata, conhecido como o “pai do Ryukyu Kempo”. Durante a Segunda Guerra Mundial ele serviu na Marinha japonesa e, como parte do treinamento, aprendeu a arte da espada, ou *laido*. Este foi o seu primeiro contato com as artes marciais. Quando a guerra terminou, Oyata retornou a Okinawa e resolveu continuar seus estudos sobre artes marciais. Foi então que conheceu o Mestre Uhugusiko, do qual obteve um intenso treinamento sobre manejo de armas antigas utilizadas na região. Também foi discípulo do então renomado mestre em pontos vitais e pontos de pressão do corpo humano, Mestre Wakinaguri.

Por ter sido aluno dos mestres acima citados, ele foi aceito no dojo do mestre Nakamura onde aprendeu os doze katas que até hoje são ensinados aos praticantes do Ryukyu Kempo. Lá ele aperfeiçoou sua técnica com o Mestre Choki Motobu, do qual também era parceiro de treino e desenvolveu seu próprio estilo de *tuite jitsu*,

⁶ Okinawa é maior e mais conhecida ilha do arquipélago Ryukyu, situado entre o Japão e a China, que por sua privilegiada localização geográfica foi um importante entreposto comercial entre os dois países. Hoje, faz parte do território japonês.

que não depende de força, mas sim da execução da técnica. (UYENISHI, 1921, p. 24)

1.3.2 O Shorinji Kempo no Japão

Já o Shorinji Kempo como é conhecido hoje, deve-se ao trabalho de Doshin So, que antes da Segunda Grande Guerra viajou à China e estudou os vários estilos remanescentes do Kenpo chinês. Ele estudou no instituto North Shorinji Ihermenthuen, conhecido por ensinar uma forma de Kenpo o mais próxima possível da sua linhagem ortodoxa. Quando Doshin So retornou ao Japão, levou com ele esta arte de origens chinesas. Desde então, fundaram-se várias escolas a partir do ano 1948, e em 1969, já espalhado pelo Japão, contava com o assombroso número de 300.000 praticantes. (SO, 1974, p. 15).

Muitas de suas técnicas básicas ainda podem ser observadas, mas seu formato atual difere do indiano original. Através do contato com o Budismo, da sua transmissão através de diferentes culturas e assimilação de elementos de outros tipos de lutas sem armas, o Shorinji Kempo desenvolveu-se gradual e continuamente até a sua forma atual, como hoje é ensinado no mundo todo. (SO, 1974, p.13)

1.4 O KENPO NA AMÉRICA

O Kenpo chegou à América através de James⁷ Masayoshi Mitose (1916-1981), havaiano descendente de uma tradicional família japonesa, que aos três anos de idade foi enviado ao Japão para estudar e aprender a arte marcial tradicional de sua família, o Kosho-ryu Kenpo (estilo este derivado do RyuKyu Kenpo). Foi aluno de seu próprio avô, Sukuhei Yoshida e de Choki Motobu, seu tio. (URBIN, 1995)

Mitose retornou ao Havaí em 25 de fevereiro de 1937, então com vinte anos de idade, época esta em que começou a ensinar Kenpo na América. Em 1942 ele organizou o *Official Self-defense Club*, uma academia de artes marciais em Honolulu, onde ensinava a arte marcial de sua família abertamente ao público. Foi

⁷ James foi o nome americano adotado por Masayoshi Mitose. (Wikipedia)

neste lugar que promoveu seis dos seus alunos a faixas pretas (instrutores): Thomas Young, William Chow, Edmund Howe, Arthur Keawe, Jiro Nakamura e Paul Yamaguchi. Quando Mitose deixou seu Dojo no Havaí para seguir estudos religiosos no continente americano, tanto o espaço físico como a responsabilidade de prosseguir com seu trabalho em Kenpo, foi delegada a Thomas Young. (URBIN, 1995)

No entanto, William Chow é que foi considerado o responsável pelo maior passo do Kenpo rumo ao conhecimento do grande público americano. Como o fizeram muitos mestres, antes e depois dele, Chow uniu a arte do Kosho Ryu Kenpo aos seus estudos sobre Kung Fu, criando um novo estilo que mais tarde chamou de Chinese Kara-Ho Kempo Karate. Este estilo trouxe várias inovações, dentre elas a utilização das técnicas circulares e dos *katas* advindos do Kung Fu. (URBIN, 1995).

Ao concluir que os americanos lutavam de maneira diversa dos orientais, ele revisou muitas das antigas técnicas do Kosho Ryu Kenpo e também adicionou alguns aspectos de sua própria experiência em artes marciais, no intuito de formar um sistema marcial mais completo e inteligível para os americanos. (STEWART, 1994)

Chow era reconhecido tanto como um grande e inovador artista marcial, como também um adversário mortal. Falecido em 1987, deixou como herança para o Kenpo dois seguidores e grandes artistas marciais: Edmund Parker (fundador do American Kenpo Karate) e Adriano Emperado (que foi o líder do movimento de fundação do estilo Kajukenbo). (URBIN, 1995)

Neste trabalho abordaremos o desenvolvimento do Kenpo Americano (ou American Kenpo) através da linhagem do Grão Mestre Edmund Parker, já que este é um dos estilos atualmente praticados na cidade de Curitiba, Paraná, objetivo primeiro desta pesquisa.

1.4.1 O American Kenpo Karate

Nascido em 1931, no Haváí, Edmund Parker foi um dos pioneiros⁸ na introdução do Kenpo no continente americano. Como já citado anteriormente, ele era aluno do Mestre William Chow, atingindo seu grau de instrutor no ano de 1953, ano em que servia a Guarda Costeira Norte-americana e estudava Sociologia e Psicologia na Universidade Brigham. Montou sua primeira escola de Kenpo em Porvo (Utah) em 1954. Depois de formado mudou-se para Pasadena (Califórnia), onde abriu sua segunda escola em 1956, graduando várias faixas pretas nos sete anos seguintes. (SEVIC, 2007)

John McSweenwy, um destes graduados, abriu sua própria escola na Irlanda, em 1962, o que tornou possível a criação de uma associação internacional, a I.K.K.A. (International Kenpo Karate Association), a partir da qual o Kenpo Americano se espalhou através dos Estados Unidos, Europa e mais recentemente do Canadá. (STEWART, 1994).

Parker era bastante conhecido por sua excelência técnica como instrutor, como também pelo seu apurado senso comercial, o que certamente ajudou a impulsionar o Kenpo aos níveis de reconhecimento que hoje encontra nos Estados Unidos da América. Um dos seus grandes feitos em prol da divulgação do Kenpo neste país, foi sua atuação em Hollywood, treinando dublês e celebridades do cinema na arte do American Kenpo. Dentre seus alunos famosos, o mais conhecido e divulgado foi Elvis Presley, graduado com a faixa preta. (SEVIC, 2007)

Ed Parker desenvolveu seu novo estilo como um método para ensinar princípios e não somente como uma ferramenta para ensinar técnicas. Houve uma redução significativa no número de técnicas por faixa, foram eliminadas eventuais variações e também foram criadas extensões (*extensions*) para cada técnica. Parker simplificou as técnicas para que os iniciantes pudessem concentrar-se no princípio do movimento e não numa sucessão aparentemente conectada de movimentos. Os estudantes poderiam, então, entender o “por que” do movimento e individualmente

⁸ Há autores que reconhecem Paul Pung como o primeiro fundador de uma escola de Kenpo comercial no continente americano, em 1953. Nesta época, Ed Parker ainda estava a serviço da Guarda Costeira americana. (TRACY, 1997)

desenvolver o seu próprio “como” realizá-lo. Esta nova ênfase apresentava um contraste marcante com o Kenpo que Parker originalmente aprendera – em que um estudante aprendia centenas de técnicas e mais centenas de variações, totalizando mais de 400 técnicas para atingir a faixa preta – e o que ele pretendia ensinar aos seus alunos, quebrando o vínculo com o passado e as antigas tradições orientais. (SEVIC, 2007)

O Grão Mestre Ed Parker não deixou sucessores por ele nomeados, após sua morte em 15 de dezembro de 1990. A herança do American Kenpo foi a sua coleção publicada pela editora Delsby Publications (o primeiro volume em 1982 e o último em 1987), totalizando cinco volumes sob o título *Infinite Insights into Kenpo*. Esta coleção é um compêndio de todos os ensinamentos desenvolvidos por Parker sobre o American Kenpo. (TRACY, 1997)

Após sua morte, o império do American Kenpo foi dividido e fragmentado, uma vez que formalmente, Parker não indicou nenhum sucessor. Seu sistema até hoje continua sendo interpretado e reinventado por seus discípulos faixas pretas, que em conjunto com seus novos alunos, tentam reivindicar para si próprios a sucessão do Grão Mestre. (SEVIC, 2007) Por este motivo, hoje existem centenas de diferentes organizações, associações e federações de American Kenpo no mundo todo, cada qual com seu histórico próprio e linhagem de sucessão. Por ora, o trabalho de pesquisa irá ater-se a A.K.I. (American Kenpo International), organização a que está afiliado o American Kenpo em Curitiba.

1.4.2. O RyuKyu Kempo na América

O RyuKyu Kempo só veio a ser conhecido e praticado nos Estados Unidos muito recentemente. Um dos responsáveis pela difusão americana deste estilo foi Mike Minor, americano, que conheceu Taika Oyata (o mestre japonês que reestruturou o Kempo sob o nome RyuKyu) em 1983 e será objetivo deste estudo pois pertence a linhagem que contribuiu com a expansão até o território brasileiro. (ALMEIDA, 2007)

Foi promovido a Shodan (faixa preta) em 1986, e em 1991 abriu sua primeira escola em 1991 em Excelsior Springs, E.U.A. A sua segunda escola foi inaugurada em 1994, em Gladstone – local em que atualmente continua a lecionar, sob o

reconhecimento formal da família Oyata. (URBIN, 1995) Nesta escola formou vários faixas pretas, dentre eles Kevan Guilles, sucessor da linhagem que trouxe o RyuKyu para o Brasil.

1.5 O KENPO EM CURITIBA

A Introdução do Kenpo no Brasil é bastante recente, e foi realizada em diversas frentes, sob a chancela de diversos estilos e em vários Estados simultaneamente. No entanto, como objetivo desta pesquisa trataremos de quando e como esta arte marcial teve seu início em Curitiba, Paraná.

Em Curitiba, são praticados dois estilos de Kenpo: o RyuKyu Kempo Jujutsu e o American Kenpo. O primeiro sob supervisão do Shidoshi Eduardo Almeida (4º Dan) e o segundo, do Sensei Helio Greca (4º Dan).

O atual representante do RyuKyu Kempo, Eduardo Almeida, é publicitário, graduado também em Aikido e Kung Fu. Conheceu Sensei Kevan Guilles em 1996, durante um congresso sobre RyuKyu Kempo realizado em Curitiba, para o qual foram convidados praticantes graduados de artes marciais da cidade, com o objetivo de popularizar e divulgar o RyuKyu Kempo. (ALMEIDA, 2007)

A partir de então, Eduardo entrou para a comunidade curitibana do RyuKyu e em 1997, juntamente com outros cinco praticantes recebeu sua faixa preta. Desta equipe, os únicos que deram continuidade ao trabalho de Sensei Guilles foram Eduardo Almeida e José Rodrigo da Rocha. Numa segunda turma de Guilles, foi graduado também o hoje Sensei Helio Greca. (ROCHA, 2002)

Em 1999, Sensei Kevan Guilles assumiu a condução dos cursos da SWAT americana no Brasil, tornando-se um dos maiores especialistas em segurança do país. Neste período, não podendo mais despender seu tempo com o RyuKyu Kempo, Guilles se viu obrigado a abandonar as aulas. Então, na busca da continuidade de seu treinamento, Eduardo Almeida e José Rodrigo da Rocha encontraram suporte no American Kenpo, com o mestre americano Jeff Speakman⁹. A partir do ano 2000, começaram a ministrar aulas deste novo estilo de arte marcial no Colégio Bagozzi, como atividade extracurricular, com o objetivo de formar a

⁹ Jeff Speakman foi aluno direto de Edmundo Parker (URBIN, 1995), cujo histórico foi citado no cap.1.4.1

primeira geração de jovens praticantes do American Kenpo no Brasil. Obtiveram êxito no seu intuito, tanto que em 2001, a turma chegou a mais de 150 alunos.

Nesta época, Hélio Greca, o atual representante do American Kenpo em Curitiba, também praticava sob orientação de Jeff Speakman. (ROCHA, 2002)

Foi neste período que o Mestre Jeff Speakman veio ao Brasil averiguar o andamento de sua escola brasileira, bem como para contribuir para com a expansão do American Kenpo no Brasil através de apresentações, palestras e cursos. (ALMEIDA, 2007)

Dos anos de 2001 a 2004, Eduardo Almeida e José Rodrigo da Rocha trabalharam em prol do desenvolvimento do American Kenpo em Curitiba. Depois deste período, o Sensei Rocha teve de afastar-se por questões pessoais de trabalho (ele era, paralelamente, músico) e com isso também o Sensei Almeida voltou ao seu estudo inicial do RyuKyu Kempo, por questões filosóficas. O American Kenpo em Curitiba, então, ficou sob a responsabilidade do Sensei Hélio Greca.

Hoje, Sensei Hélio Greca trabalha em diversas academias da cidade, entre elas a academia Senda de Artes Marciais e a academia First Class, associado à organização internacional A.K.I. (American Kenpo International). Shidoshi Eduardo Almeida ensina RyuKyu Kempo através de sua empresa relacionada a qualidade de vida, Satori, sob a jurisdição da W.R.J.A. (World RyuKyu Jujutsu Association). Ainda não existem no Brasil nenhum tipo de federação ou associação ligadas ao RyuKyu nem ao American Kenpo, devido ao baixo número de graduados, o que, por sua vez, resulta num pequeno número de instituições ligadas a estas práticas. (ALMEIDA, 2007)

Isto também é consequência do pouco tempo de história do Kenpo no Brasil, em comparação outras artes marciais amplamente praticadas, como o Jiu-Jitsu, o Karatê, o Judô e o Taekwondo, que tiveram seu desenvolvimento em terras brasileiras intimamente relacionados a própria colonização sino-japonesa no país, que consigo trouxe como parte da bagagem cultural as artes marciais mais populares de sua terra natal.

2 O QUE É KENPO

Independentemente do estilo em questão, o Kenpo tem características peculiares que os diferenciam das outras artes marciais modernas. O Kenpo pode ser definido como uma arte marcial de defesa pessoal extremamente eficaz e objetiva baseada em ataques e bloqueios, cuja principal característica é a fluência harmoniosa e veloz de golpes em pontos vitais do corpo a fim de neutralizar rapidamente o agressor. (DILLMAN, 1995, p. 17)

É um meio diversificado de autodefesa que compreende técnicas de combate real com e sem armas, contra um ou múltiplos oponentes, que variam na forma e nos métodos de ensino, de um estilo para outro. Porém todos os estilos têm como base golpes com as mãos, pés, cotovelos e joelhos, bem como a utilização de armas consideradas de uso moderno (bastão longo, bastão curto e faca), assim como técnicas de controle do adversário a curta distância. (URBIN, 1995)

Na América, desenvolveu uma metodologia estritamente prática que se adapta às necessidades de combate de rua, e por este motivo, não pode ser considerado nem esporte (como o boxe), nem uma arte marcial de competição (como o Wushu) nem tampouco uma luta esportiva (como o Taekwondo). No Kenpo, assim como em outras artes marciais de defesa pessoal – caso este também do Krav-magá e do Aikido – não existem regras nem regulamentos, não há restrições quanto à metodologia e também não existem categorias de peso e idade dentre os praticantes. (DILLMAN, 1995, p. 17)

Na maior parte dos esportes marciais, os praticantes aprendem a ser agressivos no combate, visando o único objetivo que é derrotar o oponente, ou garantir o primeiro lugar. Sem uma orientação apropriada, tornam-se pessoas violentas e sem humildade para aceitar a derrota. Neste ponto em particular, entende-se que o Kenpo não é uma ferramenta para derrotar adversários, mas para trabalhar o autoconhecimento, a cooperação, o respeito pela vida humana e a responsabilidade pessoal. (ALMEIDA, 2007)

O que diferencia o Kenpo das artes marciais consideradas esportivas é a ênfase dada ao desenvolvimento da espiritualidade e da união mente-corpo, na mesma proporção do treinamento físico em si. (URBIN, 1995)

2.1 KEMPO OU KENPO?

Na verdade, não há uma forma correta ou incorreta. A diferença vem da tradução do *kanji*¹⁰ referente a esta palavra para o inglês. As regras da língua japonesa, no que se refere aos *kanji*, indicam que quando a palavra representada pelo caractere terminada em “n” é seguida por outro que começa com “p”, os dois caracteres permanecem inalterados em sua forma escrita, mas o “n” (fonema dental) do primeiro caractere adquire som de “m” (fonema labial). O *kanji* que representa Kenpo se enquadra nesta situação. Portanto, se a tradução seguir as regras japonesas, deve-se escrever Kenpo e pronunciar Kempo. (SO, 1974, p. 10) Somente quando há transliteração é que se encontra Kenpo escrito como Kempo (como é o caso da língua portuguesa, em que antes das consoantes “p” e “b”, obrigatoriamente se usa “m”)

De acordo com o Grão Mestre Ed Parker em seu livro *Infinite Insights into Kenpo – Volume I*, William Chow foi o primeiro a utilizar o termo Kenpo (com “n”) como meio de diferenciar sua arte marcial da praticada pela família Mitose, o Kosho Ryu Kenpo. Aparentemente, os estilos mais tradicionais (ligados ao Oriente) são grafados Kempo, enquanto que os contemporâneos (como o Americano) são escritos Kenpo. (URBIN, 1995)

Mas independente de sua forma escrita, Kenpo é a palavra japonesa que vem da tradução do chinês *Ch’uan Fa*, que significa “Lei do Punho”. (SO, 1974, p.10; URBIN, 1995)

2.2 CARACTERÍSTICAS DO KENPO

2.2.1 Diferenciais do Kenpo

Além do trabalho físico, técnico e de desenvolvimento pessoal e espiritual que caracterizam o Kenpo, existem também outras peculiaridades nesta arte marcial que são dignas de destaque, por não serem lugar comum na maioria das outras artes marciais conhecidas hoje:

¹⁰ Kanji é uma das formas escritas da língua japonesa (caracteres).

1. KATA – é um padrão pré-estabelecido de movimentos tanto circulares como lineares, que expressam os elementos básicos de luta. Cada movimento contém significados profundos que não são prontamente identificados por olhos não treinados. (TRACY, 1997) É como uma dança, cujos passos representam o domínio sobre uma determinada técnica, previamente ensaiada. Os *katas* são muito utilizados para ensinar e aperfeiçoar conceitos básicos no Kenpo, como por exemplo os chutes e socos. (ALMEIDA, 2007)
2. GOLPES VELOZES – há técnicas específicas em Kenpo para treinar a velocidade do estudante, já que este é um conceito chave desta arte marcial. Ao invés de ensinar cadeias de movimentos complexos para o aluno iniciante, primeiro trabalha-se os conceitos fundamentais como chutes, socos e bases de combate e em seguida, estes combinados ao fator velocidade – o que é essencial numa situação real de luta. (URBIN, 1995)
3. NEGAÇÃO DA VIOLÊNCIA – embora pareça contraditório, uma arte marcial pode e deve prestar-se a este fim. Os praticantes a vivenciam de uma maneira segura e cooperativa e, desta maneira, são capazes de experimentá-la, estudá-la e entender seus mecanismos para saber como evitar que ela aconteça. O Kenpo trabalha diretamente o autoconhecimento, aumentando a consciência corporal, mental e emocional. Além disso, defende que é sempre mais seguro evitar uma situação de conflito, do que entrar em combate físico e ensina técnicas e comportamentos defensivos para este fim (TRACY, 1997) A partir do entendimento da fragilidade do corpo humano e da vida em si, um praticante de Kenpo evitará ao máximo incorrer em violência, pois esta é um completo desrespeito à condição humana. (ALMEIDA, 2007)

2.2.2 Treinamento no Kenpo

Além das características gerais supracitadas, há também as capacidades físicas que fundamentam a prática do Kenpo, entre outras artes marciais. São elas (MCCARTHY et UCHINADI, 1999, p. 26):

1. FORÇA – através da força pode-se produzir deslocamentos, oferecer resistência e deformar corpos. Neste quesito distinguem-se: o ponto de aplicação da força, que depende da resultante do conjunto de forças

aplicadas durante o ataque, cujo torque gerado impõe ao defensor um movimento angular, deslocando seu centro de gravidade e caracterizando o ângulo de entrada; a direção, que é a reta que segue um ponto material quando sujeito à ação da resultante das forças atuantes; sentido, que é a orientação do movimento (as forças do oponente e do defensor devem ter o mesmo sentido). O somatório das forças do atacante e do defensor facilitará o contragolpe não importando a fortaleza física do oponente; e intensidade, que resultará em maiores ou menores efeitos dos golpes.

2. EQUILÍBRIO – o praticante deve tomar várias posições diferentes durante o ataque, utilizando o equilíbrio dinâmico. Nesta situação, o ponto de sustentação é pequeno e as forças que atuam sobre seu corpo são variáveis em constante modificação. O lutador deve ter habilidade para manter uma posição estável, mesmo durante as investidas do oponente.
3. VELOCIDADE – o praticante utiliza o máximo de velocidade possível na execução das técnicas, diminuindo o tempo decorrido entre o ataque e a defesa. Está associada ao tempo de resposta (reflexo) do lutador frente à agressão.
4. RESISTÊNCIA – permite ao lutador suportar períodos mais prolongados de combate e treinamento. Ela deve ser desenvolvida através de preparação específica, respeitando a individualidade biológica do praticante.
5. FLEXIBILIDADE - confere ao lutador leveza, agilidade e elegância implicando necessariamente em economia de energia na execução de técnicas mais complexas.
6. COORDENAÇÃO – todos os movimentos que envolvem artes marciais devem ser coordenados, pois geralmente envolvem dois ou mais segmentos corporais simultaneamente. Se não houver coordenação, a movimentação é pesada e sem precisão – o que é muito observado em alunos iniciantes. Esta capacidade é desenvolvida através do treino e repetição das técnicas e *katas*.

Como qualquer outra atividade física, a prática do Kenpo traz inúmeros benefícios físicos e melhora da saúde e qualidade de vida como um todo. Além de desenvolver as capacidades físicas acima citadas, o Kenpo ainda fortalece a musculatura em geral, principalmente os músculos estabilizadores responsáveis pela boa postura, pela contenção e proteção dos órgãos internos. Exercícios

moderados, como os desenvolvidos num treino de Kenpo, também têm importante papel na redução e controle da hipertensão arterial, do diabetes e do excesso de peso corporal. Também o risco de lesões e fraturas diminui, uma vez que a musculatura fortalecida pode oferecer melhor suporte físico aos ossos, tendões e articulações. (SO, 1974, p. 25)

No entanto, o Kenpo tradicionalmente não é considerado apenas um exercício, uma ferramenta para trabalhar certas aptidões físicas. Isto é apenas o resultado de uma prática contínua, é um meio e não o fim em si. O conceito geral desta arte marcial tradicionalmente trata do ser humano integral – corpo, mente e espírito – que de acordo com a tradição oriental são inseparáveis e trabalham em unísono. (STEWART, 1994)

2.2.3 A Saudação do Kenpo

A saudação é um elemento que caracteriza as diferentes artes marciais. Sua execução e seu conteúdo revelam muito sobre as tradições das quais se originaram determinada arte. Tanto é que até os dias de hoje, o elo mais perceptível entre os mais variados estilos de Kenpo ao redor do mundo é sua saudação. (STEWART, 1994)

A saudação do kenpo remonta às mais antigas origens chinesas e era utilizada como um grito de guerra pela população oprimida durante a sucessão de revoltas que ocorreram na China durante o domínio da Dinastia Yüan (ver seção 1.2). Consiste de movimentos que representam o conteúdo falado, no entanto ela pode ser realizada tanto com acompanhamento oral (geralmente traduzida para a língua do praticante) como só pela movimentação. É geralmente feita em grupo, para abertura e fechamento dos treinos, de cerimônias e em demonstrações públicas. (SO, 1974, p. 34). Os alunos costumam dizer que o mais difícil no Kenpo é a sua saudação, que mantém um certo conteúdo histórico em respeito às suas origens. (ALMEIDA, 2002 - 2007)

Para se conquistar o grau de Faixa Amarela (a primeira graduação em Kenpo), o estudante deve, entre outros pré-requisitos, saber realizar com perfeição toda a movimentação da saudação e conhecer o significado da parte oral. Segundo DOSHIN SO (1974, p. 34), originalmente a parte oral era a seguinte:

“A força e a sabedoria juntaram-se e puseram-se costas com costas para combater o inimigo. Somos contra a invasão estrangeira e nosso coração é da China. Permanecendo unidos na luta, conseguiremos nosso país de volta.”

Com a posterior adaptação do Kenpo na América do Norte, alguns trechos da saudação foram substituídos, como é o caso da palavra “inimigo”, substituído por “injustiça” e “somos contra a invasão estrangeira” por “Não tenho armas, faço do Kenpo a minha arma e por isso devo guardá-la”. O objetivo desta modificação foi evitar o apelo à violência e à xenofobia, que poderiam resultar do entendimento errado da saudação por falta de conhecimento de sua história. Outro exemplo claro que atesta o comportamento antiviolência dos praticantes do Kenpo é a última frase que compõe a saudação ocidentalizada “Peço perdão se tiver que usá-la” (a arma). (URBIN, 1995). Hoje a saudação diz:

“A força e a sabedoria juntaram-se e puseram-se costas com costas para combater a injustiça. Não tenho armas, faço do Kenpo a minha arma, e por isso devo guardá-la Peço perdão se tiver que usá-la.”

Pode-se observar que esta nova versão é uma mistura do antigo e do novo, da força e da sabedoria, da honra e da humildade. Esta saudação, cheia de significados, é um dos grandes orgulhos do praticante do Kenpo de qualquer estilo, em qualquer lugar e em qualquer época. (ALMEIDA, 2002-2007)

2.3 AMERICAN KENPO E RYUKYU KEMPO COMO PRATICADOS EM CURITIBA

Estes são os dois estilos de Kenpo praticados atualmente na cidade de Curitiba, Paraná. O American Kenpo é representado pelo Sensei Hélio Greca, que atua em academias localizadas no centro da cidade e o RyuKyu Kempo tem como representante Shidoshi Eduardo Almeida, atuando a partir de sua empresa de qualidade de vida, Satori.

As características desta arte marcial anteriormente citadas são as mesmas para ambos os estilos, que diferem em alguns detalhes técnicos, filosóficos e metodológicos que serão citados na conclusão deste trabalho. Por ora, serão descritos separadamente.

2.3.1 American Kenpo

Uma das principais características do American Kenpo é a sua cultura defensiva, ou seja, as técnicas utilizadas são desprovidas de golpes de ataque. Seu acervo inclui técnicas de defesa, *katas* e *sets*. (SEVIC, 2007) No American Kenpo, o aluno encontrará práticas extremamente organizadas, cujo objetivo principal é desenvolver a cultura da defesa pessoal, seja através de técnicas ou de teoria e sempre saberá qual o próximo passo a ser dado, o próximo nível a ser atingido. Também não correrá risco de lesão devido a combates, já que a aula encerra as técnicas em um ambiente controlado e seguro, simulando situações de agressão, por isso é muito bem aceito entre as mulheres. (GRECA, 2008)

As técnicas de defesa variam em nível de dificuldade (da mais simples para a mais complexa), em número de movimentos que as compõem (de menor para maior número de movimentos) e na complexidade (movimentação linear, circular, para frente, trás e lados ou combinações).

Os *katas* e *sets* são movimentos pré-coreografados que devem ser realizados numa seqüência e num ritmo pré-determinados, sem oponentes. Os *katas*, de remotas origens chinesas, são divididos em *long forms* (longos) e *short forms* (curtos) e representam basicamente conjuntos de técnicas realizadas em forma de coreografia. Já os *sets* são movimentos específicos coreografados com objetivos distintos, que vão desde a aprendizagem dos principais bloqueios contra ataques do adversário (no *Blocking Set*, Faixa Amarela) até o manejo de armas (*Club Set*, Faixa Preta – utiliza bastões) (SEVIC, 2007). Todas as instruções, nomes de técnicas, *katas* e *sets* apresentam-se na língua inglesa, utilizadas juntamente com orientações do Sensei (professor) em português.

Isto se deve à sistematização americana deste estilo, que renomeou as técnicas do original em japonês para o inglês, visando o melhor entendimento e aproveitamento das aulas por parte do público americano. (TRACY, 1997)

A graduação no American Kenpo se dá por meio do sistema de faixas. O aluno iniciante começa com a faixa branca e deve atingir a excelência técnica dos *katas*, *sets* e técnicas de defesa pessoal referentes ao próximo nível, que é a faixa amarela, e assim por diante, até a faixa preta. Cada um dos quesitos técnicos é representado pelo que se costuma chamar de ponta de faixa, que nada mais é que

uma fita de cetim, costurada nas extremidades das faixas, na cor correspondente à próxima faixa da graduação. As pontas de faixa significam que o aluno já dominou a técnica em questão. Quando atinge a meta de três pontas de faixa, o aluno está pronto para o exame. (PARKER, 1987, p. 70)

A metodologia do American Kenpo segue uma progressão pedagógica, o que significa que os alunos menos graduados não têm acesso a técnicas de faixa mais avançadas, somente àquelas que correspondem ao próximo nível técnico segundo a sistematização de Ed Parker: faixa branca, faixa amarela, faixa laranja, faixa roxa, faixa azul, faixa verde, faixa marrom e faixa preta. Depois de atingir o grau de faixa preta, ainda há mais 10 *dan* (graus) a serem atingidos, que representam desde técnicas com armas e combates com múltiplos adversários, até realizações pessoais em prol da divulgação do Kenpo e trabalhos sociais. Estes graus são representados por pontas de faixa na cor vermelha – 1º *Dan*, uma ponta de faixa; 2º *Dan*, 2 pontas e assim por diante. (PARKER, 1987, p. 70). Um resumo das técnicas, *katas* e *sets* obrigatórios por faixa são apresentados na Tabela nº 1 que segue:

TABELA 1 - REQUISITOS TÉCNICOS DO AMERICAN KENPO			
FAIXA	TÉCNICAS (nº)	KATA	SET
AMARELA	10	SHORT FORM # 01	BLOCKING SET (bloqueio)
LARANJA	16	LONG FORM # 01	KICKING SET (chutes)
ROXA	16	SHORT FORM #2	STANCE SET (bases de combate) COORDINATION SET (coordenação)
AZUL	16	LONG FORM #2	FINGER SET (ataques com os dedos) STRIKE SET (ataque com as mãos)
VERDE	16	SHORT FORM #3 OWN FORM (15 técnicas a escolher)	COORDINATION SET #2 (coordenação)
MARROM 1 PONTA PRETA	20	LONG FORM #3 OWN FORM (20 técnicas a escolher)	STANCE SET #2 (bases de combate) BLOCKING SET #2 (bloqueio)
MARROM 2 PONTAS PRETAS	20	STAFF FORM #1 (com bastão longo) OWN FORM (20 técnicas a sua escolha)	KICKING SET #2 (chutes)

MARROM 3 PONTAS PRETAS	20	LONG FORM #4 OWN FORM (20 técnicas a sua escolha)	STRIKE SET #2 (ataque com as mãos)
PRETA	20	TWO MEN FORM (contra dois oponentes) OWN FORM (20 técnicas a sua escolha)	FINGER SET #2 (ataques com os dedos) CLUB SET (bastões curtos)
TOTAL	154	14	13
Extraída e adaptada de <i>Infinite Insights into Kenpo – Vol. V</i> , Edmund Parker, 1987, p. 71			

Geralmente, os treinos são realizados em grupos separados conforme graduação. Nestes grupos de graduação por faixa, não há distinção por peso ou sexo, seguindo uma ordem pré-determinada de práticas que variam em pequenos detalhes de professor para professor. A prática básica divide-se em seis etapas principais: saudação inicial (*salutation*), aquecimento (*warm up*), técnicas (*technique*), *kata*, discussão teórica (*theoretical discussion*) e saudação final. (GRECA, 2008)

Durante o aquecimento são realizados diversos exercícios específicos, ficando a critério do professor a escolha do tipo de exercício e da ordem de execução. São utilizadas várias atividades características das artes marciais, como chutes e socos em sacos de areia, jogos de reflexo e séries de exercícios de alongamento passivo e ativo. (GRECA, 2008)

Na parte técnica são ensinadas e revisadas as técnicas de faixa dois a dois (duas pessoas treinam juntas) com execução lenta e correção da técnica e posteriormente em fila (*line*), dando maior ênfase na velocidade e potência de execução. Nesta fase do treino, os alunos são separados por graduação (faixas) para facilitar a prática. Na próxima fase, são treinados os *katas* de faixa, primeiramente em grupo e depois individualmente. Os mais graduados devem executar todos os *katas* desde o de faixa amarela (*short form #1*) até o *kata* equivalente a sua atual graduação. Os menos graduados devem executar os *katas* referentes a sua graduação e depois deixar o tatame, para que os mais graduados possam continuar sem interrupções. (GRECA, 2008)

Na fase de discussão teórica são abordados aspectos das técnicas de faixa trabalhadas durante o treino, a significação profunda dos *katas*, dicas de execução e posteriormente o grupo pode esclarecer dúvidas e compartilhar impressões e dificuldades percebidas durante a aula. O treino é finalizado com saudação e

confraternização (cumprimentos) entre alunos e o sensei, incluindo conversas informais, o que aproxima e une graduados e não graduados, que aproveitam este momento para compartilhar suas impressões sobre o Kenpo e trocar experiências. (GRECA, 2008).

Os exames de faixa acontecem duas vezes por ano, geralmente em Julho e em Dezembro. Todos os alunos são convidados a realizar o teste, que basicamente é a execução dos requisitos da faixa pretendida, numa cerimônia formal com avaliação de um ou mais senseis. Os alunos aprovados recebem certificados e sua nova faixa.

2.3.2 RyuKyu Kempo Jujutsu

O RyuKyu Kempo sofreu menos modificações na América e teve uma sistematização mais aberta em relação ao estilo Kenpo Americano (ver seções 1.3.1 e 1.4.2). Apesar de possuir sistema de faixa e requisitos básicos para mudança de grau, a metodologia de ensino é mais intuitiva do que formal e, embora siga uma certa progressão pedagógica, as técnicas não são herméticas. Deste modo, observamos nos treinos, praticantes iniciantes trabalhando conceitos e até mesmo técnicas mais complexas, advindas do grau faixa marrom e até mesmo preta. Os professores deste estilo acreditam que quanto mais cedo o aluno é exposto a novos conceitos e práticas, mais cedo estes irão se entronizar e tornar-se automáticos (maior acervo motor). (DILLMAN, 1995, p.19)

Este estilo de Kenpo oferece práticas mais abertas, em que o próprio aluno impõe o ritmo de aula. Por não prender-se a uma metodologia fechada, a aula pode tomar rumos diferentes, dependendo das dificuldades e progressos dos alunos. Uma das dificuldades dos professores de RyuKyu Kempo é a organização dos conteúdos de modo que haja tempo o suficiente para estudar todas as exigências de faixa, pois são muitas (além das técnicas tradicionais e *katas* similares às do Kenpo Americano, ainda existem as práticas de torções, chaves, estrangulamentos, projeções e quedas e a manipulação de uma infinidade de pontos de pressão, o *tuite jutsu*). Em contrapartida, o acervo técnico do aluno para uma situação de risco é bem maior. Os alunos do RyuKyu Kempo naturalmente estarão mais sujeitos a lesões, devido à

prática do *Ju Kumite* (combate leve), porém também estarão mais preparados para situações reais de combate. (ALMEIDA, 2007)

Porém os estudantes devem entender que o objetivo maior do RyuKyu é o desenvolvimento integral do ser humano. É considerado, sim, um sistema de defesa pessoal. Mas vai muito mais além, preparando o indivíduo para conhecer melhor sua própria natureza e os outros, entender os mecanismos de seu corpo e da sua mente e a partir de um constante esforço espiritual, chegar mais perto da realização. (ALMEIDA, 2008, p. 17)

Primeiramente, o foco dos estudos do RyuKyu Kempo são os *katas*, responsáveis pelo desenvolvimento das valências físicas citadas na seção 2.2.2 e principalmente a coordenação motora, fundamental para o posterior avanço de grau dos alunos iniciantes. Em paralelo, são ensinadas técnicas de *Tuite Jitsu* e *Kyusho Jjitsu*, que são o principal diferencial técnico do RyuKyu Kempo em relação os American Kenpo.

O *Tuite Jitsu* é um método de manipulação das articulações, tendões e nervos através de chaves, torções e pressão, utilizado para incapacitar e controlar um agressor, independente de sua força, tamanho ou peso, com o mínimo de esforço possível. Para uma maior eficácia, requer estudos de anatomia humana e deve ter como base o *Kyusho Jitsu*. Este último é o estudo dos pontos de pressão do corpo humano relacionados ao fluxo da bioenergia (ou *Chi*, como é conhecida na China). São mais de 300 pontos que incorporam muitos dos conceitos utilizados na acupuntura tradicional chinesa. Quando os ataques são combinados com estas técnicas, contra pontos anatômicos específicos, podem incapacitar temporariamente o agressor, impedindo o contra-ataque. Neste caso, a precisão é muito mais importante do que a força empregada. (DILLMAN, 1995, p.22)

As instruções e nomes das técnicas e *katas* são mantidos em sua língua de origem, o japonês. Dentro do possível, o professor evita a tradução e procura manter a tradição do Kempo. Em termos técnicos o RyuKyu Kempo não difere muito do estilo americano: também existe uma progressão de técnicas e *katas* que devem ser dominados para a graduação nas faixas. (ALMEIDA, 2007)

O sistema de graduação varia um pouco, assim como o formato das técnicas, mas os elementos básicos são os mesmos. No entanto, observamos no RyuKyu Kempo a utilização de técnicas de chave, torções, projeções e imobilizações na

finalização das técnicas formais. Isso se deve à incorporação de outros estilos de artes marciais, como o Judô e o Jiu-Jitsu durante o seu desenvolvimento no Japão. (DILLMAN, 1995, p.09)

Cada professor tem a liberdade de ensinar conforme sua formação em artes, marciais, princípios filosóficos e crenças, desde que siga as exigências técnicas formais do sistema de faixas. Não há uma progressão obrigatória no ensino de determinada técnica, ficando a cargo do professor decidir quando e o quê um aluno está apto a aprender. (ALMEIDA, 2007)

O sistema de graduação no RyuKyu Kempo segue o esquema demonstrado na Tabela nº 2 abaixo:

TABELA 2 - REQUISITOS TÉCNICOS RYUKYU KEMPO			
FAIXA	TÉCNICAS	KATA	TUITE
AMARELA	TAIKYOKU SHODAN TAIKYOKU NIDAN TAIKYOKU SANDAN	combinação 1 a 5	escapar de pegadas no punho
LARANJA	SIESON	combinação 6 a 10 (como cair corretamente)	escapar de pegadas na lapela, agarrão de frente
AZUL	TAIKYOKU YONDAN TAIKYOKU GODAN SEIUCHIN	combinação 11 a 15	escapar de pegadas com braços
VERDE	NAIHANCHI SANCHIN	Combinação 16 a 20	escapar de agarrão pelas costas
ROXA	WANSU MIAZAWA BO	5 combinações originais	Kata Seiuchin
MARROM PONTA PRETA	CHINTO ARMAS	5 combinações originais	Kata Wansu
MARROM 2 PONTAS PRETAS	KUSAN KU	5 combinações originais	KICKING SET #2 (chutes)
MARROM 3 PONTAS PRETAS	ARMAS	5 combinações originais	Kata Kusan Ku
PRETA	SUAN SU PINAN SHODAN PINAN NIDAN PINAN SANDAN PINAN YONDAN PINAN GODAN	----	----

Extraída e adaptada de *Advanced Pressure Point Grappling: Tuite*, George A. Dillman, 1995, p.36

Os treinos de RyuKyu Kempo são realizados em grupo ou individualmente e também têm característica cooperativa. Sua prática básica consiste em saudação, aquecimento, técnicas gerais (torções, chaves, projeções, *tuite*), técnicas de faixa e *katas*, combate (*Ju Kumite*), treinamento das capacidades físicas, palestra, meditação e saudação final.

A saudação é a mesma, e o aquecimento é muito similar ao que foi descrito no American Kenpo, com exercícios característicos das artes marciais. Na parte das técnicas gerais são trabalhados aspectos de outras marciais que em conjunto com as técnicas de faixa aumentam a eficácia da defesa pessoal. Esta parte varia muito de professor para professor – cada um dá ênfase maior ou menor aos exercícios de acordo com sua própria formação marcial. (ALMEIDA, 2007)

As técnicas de faixa são treinadas por todo o grupo, geralmente sem divisão por graduação e são executadas em duplas ou trios. Os mais graduados aproveitam para revisar e aperfeiçoar suas técnicas enquanto demonstram e ensinam os menos graduados. Esta prática é bem comum nas aulas do estilo RyuKyu Kempo, Em detrimento ao American Kenpo, todos os alunos são encorajados a praticar todos os *katas*, mesmo os mais adiantados em relação as suas graduações atuais. (ALMEIDA, 2007)

Outro ponto bem característico e marcante do RyuKyu Kempo são os combates, ou *Ju Kumite*. Estes consistem em lutas contra um oponente de cada vez, em *rounds* determinados por tempo. Os oponentes se revezam até que todos tenham lutado contra todos, reforçando o objetivo maior de defesa pessoal desta arte que é a maior proximidade com situações reais de luta, não importando o tamanho, idade ou sexo do adversário. Embora durante a luta possam ser utilizados quaisquer tipos de técnicas e golpes disponíveis, é fortemente recomendado aos alunos, não ataquem com força máxima e evitem os pontos mais frágeis do adversário (como genitais, olhos e garganta). (ALMEIDA, 2007)

Após o *Ju Kumite* pode ser realizado o treinamento de capacidades físicas gerais visando o aperfeiçoamento físico do aluno. Nesta fase utilizam-se corridas de velocidade ou de resistência, exercícios de força tais como flexões, agachamentos, abdominais e exercícios para aumentar a potência muscular, como chutes, socos e joelhadas em sacos de pancada.

As partes finais do treino podem variar bastante conforme os conhecimentos e práticas do professor no que diz respeito a filosofia e técnicas de concentração e meditação. Nas aulas do Shidoshi Eduardo Almeida há sempre uma pequena palestra retomando os conceitos trabalhados em aula com fundamentação no Zen Budismo (histórias, parábolas e ensinamentos), seguida de uma discussão aberta a todos os alunos. Ao final da discussão os alunos sentam-se em posição de meditação e o Shidoshi coordena exercícios de concentração (na respiração, por exemplo) e/ou meditação silenciosa. Então todos os alunos se levantam e procedem à saudação final.

Segundo ALMEIDA, esta parte final da aula, (geralmente relegada a uma posição de nenhuma ou pouca importância nas artes marciais atualmente conhecidas) é extremamente importante para o desenvolvimento do aluno, pois trabalha sua conexão com o Todo (o Universo, o mundo, a natureza e os outros seres humanos), gerando uma maior consciência de si mesmo e dos outros, dando um novo sentido para a prática marcial e para a vida diária, diverso da violência e da agressividade (que segundo este *sensei* ainda é o objetivo de muitos jovens ao procurar a prática de uma arte marcial). (ALMEIDA, 2008, p.15)

No RyuKyu Kempo também são realizadas cerimônias oficiais de graduação, mas estas acontecem no momento em que o professor definir que seu aluno está pronto para a próxima faixa. Por este motivo ela pode acontecer em grupo ou individualmente, sem datas programadas ao longo do ano. Geralmente, além das exigências técnicas, leva-se em conta também o comportamento e a dedicação do aluno, como fatores decisivos para a sua graduação. (DILLMAN, 1995, p. 44)

Embora haja uma linha mestra que guia a graduação do aluno bem como os treinos tanto no RyuKyu Kempo quanto no American Kenpo, observa-se que não existe um planejamento de aula e nem tampouco um encaminhamento metodológico definido a ser seguido. Os professores, ou *senseis*, não são obrigatoriamente profissionais da Educação Física, e em sua maioria não possuem formação em nenhuma área ligada à pedagogia ou metodologia de ensino – o que geralmente resulta em aulas sem planejamento prévio, cujos conteúdos e práticas se mostram bastante desconexos.

Seria de grande valia para o Kenpo, a intervenção de um profissional de Educação Física no auxílio dos professores encarregados do planejamento e

orientação das aulas, no sentido de melhor organizar sua metodologia de ensino e assim fundamentar pedagogicamente a prática do Kenpo em Curitiba.

3 CONCLUSÃO

Apesar da história confusa e distante, das várias influências sofridas nas culturas em que esteve presente, das atualizações e sistematizações em nome da ocidentalização (e agora também da globalização), é certo que o Kenpo como é conhecido hoje é um dos mais eficientes sistemas de defesa pessoal conhecidos e também uma forma inspiradora e instigante de desenvolvimento pessoal. Por este motivo o objetivo maior desta monografia. Assim mesmo, pôde-se chegar a diversas conclusões significativas:

- A história do Kenpo remonta de tempos muito antigos, o que dificulta a pesquisa e a interpretação dos dados, já que fontes diferentes indicam fatos e datas diversos para as fases do seu desenvolvimento;
- São bem marcantes as semelhanças e as diferenças conceituais e técnicas entre o American Kenpo e o RyuKyu Kempo, como praticados em Curitiba, Paraná.
- Observou-se a falta de uma abordagem metodológica específica e de planejamento das aulas em ambos os estilos estudados, durante a realização da pesquisa bibliográfica e através de aulas e palestras.
- Não houve aprofundamento nas questões técnicas de cada estilo (descrição das técnicas de faixa, katas, sets, tuite jitsu e kyusho jitsu, torções, projeções e quedas), pois para o objetivo deste trabalho são irrelevantes, uma vez que existem apostilas impressas sobre esses assuntos já traduzidas para a língua portuguesa e também devido ao fato de que a meta era diferenciar dois estilos e não descrevê-los.

Embora existam algumas diferenças e rivalidades entre os estilos atuais do Kenpo, todos tem por objetivo continuar mantendo viva esta tradição milenar, que tantos praticantes possui ao redor do mundo. (ALMEIDA, 2007; DILLMAN, 1995, p. 03) Ao esclarecer as origens históricas, o embasamento teórico e conceituai e a linhagem dos estilos de Kenpo praticados em Curitiba, dá-se subsídios tanto aos professores quanto aos alunos, de maneira a desmistificar qualquer informação ou interpretação errônea sobre o RyuKyu Kempo e o American Kenpo aqui praticados,

por meio de fontes idôneas. Neste ponto atingimos o segundo objetivo específico deste trabalho:

2. Caracterizar o Kenpo, como é praticado na cidade de Curitiba, Paraná.

As diferenças entre os estilos de fato existem e torna-se imperativo ao futuro praticante saber quais são elas, qual é o estilo que mais apropriado as suas aspirações. Os dois estilos mantêm-se fiéis às tradições das artes marciais de defesa pessoal e este é o motivo porque não há competições e torneios de Kenpo. No entanto, cada escola (RyuKyu e American) representa tipicamente a cultura das sociedades em que se desenvolveram. O Kenpo Americano herdou da cultura dos Estados Unidos seu caráter organizacional, metodológico, prático, inovador e cientificista. Já o RyuKyu Kempo, que praticamente não sofreu alterações depois de sua sistematização no Japão, mantém um caráter vivencial, intuitivo, cooperativo, tradicional e espiritualista. Ao discutir os estilos American Kenpo e RyuKyu Kempo, atingimos o terceiro objetivo específico deste trabalho:

3. Diferenciar os principais estilos atuais de Kenpo.

É importante ressaltar que estes não são de modo algum estilos concorrentes - cada qual tem o seu perfil de alunos, há muito respeito mútuo e colaboração entre as duas partes. Enfim, é isto que verdadeiramente interessa, e deveria servir de exemplo para as novas escolas e estilos de Kenpo ao redor do mundo. Só é possível preservar as tradições e manter o Kenpo como uma arte marcial sólida e respeitável, se houver dignidade, colaboração, diálogo e admiração mútua entre seus estilos. Que este material possa contribuir com a divulgação e manutenção das tradições do Kenpo em Curitiba e que possa servir como mais uma fonte disponível para os estudiosos de artes marciais, enquanto ainda não são lançadas publicações na língua portuguesa sobre o Kenpo, meta do quarto objetivo específico da monografia:

4. Disponibilizar material impresso em português sobre o Kenpo como referência para a futura apostila a ser confeccionada como material de suporte para os praticantes de Kenpo em Curitiba, pelo *Shidoshi* Eduardo Almeida.

GLOSSÁRIO

Dan – graduação das faixas pretas. Após a atingir o grau de Faixa Preta, ainda há dez Dan a serem conquistados.

Deva – divindade, deus da mitologia hindu.

Dojo – local onde se treina artes marciais.

Krav-Magá – arte marcial de defesa pessoal de origem israelense.

Sensei – mestre, professor de artes marciais.

Shidoshi – um professor de artes marciais (sensei) que já tenha formado outros professores (faixas pretas).

Shiva – deus do hinduísmo conhecido como “O Destruidor”.

Shodan – grau de faixa preta

Wushu – estilo de Kung Fu.

REFÊRENCIAS

ALMEIDA, Eduardo. Aulas e palestras de RyuKyu Kempo. Período de março 2005 a julho de 2008, SATORI – Centro de Qualidade de Vida, Curitiba, PR.

ALMEIDA, Eduardo. **BUDÔ – Quando o Oriente Ilumina o Ocidente**. 1 ed. Curitiba: Noé, 2008.

MC CARTHY, Patrick; UCHINADI, Koryu. **Ancient Okinawan Martial Arts – Vol II**. E.U.A: Tuttle Publishing, 1999.

DILLMAN, George A.. **Advanced Pressure Point Grappling: Tuite**. E.U.A: George Dillman Karate International, 1995.

FUNAKOSHI, Gishin. **Os Vinte Princípios Fundamentais do Karatê**. São Paulo: Cultrix, 2005.

GRECA, Hélio . Aulas e palestras de American Kenpo. Período de agosto de 2008 a outubro de 2008, Academia Senda e Academia First Class, Curitiba, PR.

NATALI, Marcos. **Vajramushti – a Arte Marcial dos Monges Budistas**. São Paulo: Tecnoprint, 1987.

OKUMA, Silene S. **O Idoso e a Atividade Física: fundamentos e pesquisa**. Campinas: Papyrus, 1998.

PARKER, Edmund. **Infinite Insights into Kenpo: Mental and Physical Applications – vol. V**. E.U.A: Delsby, 1987.

SEVIC, Zoran. **Ed Parker Bio**. E.U.A, 2007. Disponível em: [http://www.kenpothoughts.com / fórum / Ed_Parker_Bio_by_Zoran_Sevic/m_2/tm.htm](http://www.kenpothoughts.com/forum/Ed_Parker_Bio_by_Zoran_Sevic/m_2/tm.htm). Acesso em 23 mai. 2008.

SO, Doshin. **Shorinji Kempo**. 3 ed. Japão: Japan Publications, 1974.

TRACY, Will. **The Origin of Kenpo Karate**. E.U.A, 1997. Disponível em: http://www.kenpokarate.com/origin_of_kenpo_karate.html. Acesso em 12 jun. 2008.

URBIN, Mark. **The Japanese Grand Master James Masayoshi Mitose**. E.U.A, 2008. Disponível em: <http://www.jerseykenpo.com/japanese.htm>. Acesso em 15 mai. 2008.

URBIN, Mark; ZARNETT, Bryan; SEABY, Paul. **Kenpo/Kempo FAQ** . E.U.A, 1995. Disponível em: <http://www.urbin.net/EWW/MA/KF>. Acesso em 15 mai. 2008.

UYENISHI, Sada Kazu. **The Textbook os Jujutsu as practiced in Japan**. 4 ed. E.U.A: Athletic Publications Ltd., 1921.

ÁRVORE GENEALÓGICA DO KENPO

